

ENTRE A CARNE E O VERBO: UMA LEITURA DE “A QUATRO MÃOS”, DE DANIEL DA ROCHA LEITE

Paulo Maués Corrêa
paulomauescorrea@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/0491326493716692>

RESUMO

Este estudo consiste numa leitura do conto *A quatro mãos*, do livro *Invisibilidades*, de autoria de Daniel da Rocha Leite. A protagonista da narrativa, Maria Madalena, é representação típica da presidiária: pobre, excluída, abandonada. Porém, há uma diferença: ela faz uso pleno da escrita, através de cartas que expõem o seu desejo de enlace afetivo-sexual. O presente olhar se volta exatamente para o contraponto entre linguagem, corpo e erotismo, leitura na qual lanço mão de teóricos como Sigmund Freud (2000), Georges Bataille (2004), Michel Foucault (2002), Roland Barthes (2004) e Elisabeth Badinter (1986).

Palavras-chave: Corpo; linguagem; erotismo, sexualidade, complementaridade.

No atual panorama da Literatura na Amazônia, há autores que se destacam nacionalmente, sendo o mais conhecido o nome do amazonense Milton Hatoum. Entretanto, há outros escritores que, a exemplo de Hatoum, também possuem obra significativa e que dialoga com a produção que vai para além das fronteiras regionais, tratando de temas mais abrangentes.

Entre os escritores com esse perfil, escolhi tratar, no presente estudo, de Daniel da Rocha Leite. A obra selecionada foi o conto *A quatro mãos*, do livro *Invisibilidades*, com o qual o autor ganhou o Prêmio Literário do Instituto de Artes do Pará – IAP, em 2007. Leite é carioca de nascimento, mas se notabilizou como escritor no Pará, tendo conquistado inúmeras premiações em concursos literários.

A rigor, *A quatro mãos* trata da vida de uma presidiária, Maria Madalena, que fora presa por tentar entrar no presídio portando cocaína para o companheiro encarcerado. Após ser presa, foi abandonada pelo amante, que, depois de posto em liberdade, sequer foi visitá-la, deixando-a a mercê de sua própria sorte. Como alternativa para aplacar os clamores do corpo, ela e outras presidiárias produziam cartas e as lançavam do prédio do presídio para a rua, na esperança de que algum homem as lesse e se interessasse pela missivista. Essa é a síntese do enredo, mas os meandros da narrativa são como o corpo de Maria, guardam seus mistérios, e é esse conteúdo que passo a explorar na sequência.

A narrativa começa com uma cena visceral – com uma velha navalha, Maria depila seu corpo para o momento da visita íntimo:

O ir e vir da navalha em seu sentido. A contrapelo, salvaguarda da vontade, o arrancar severo das raízes encravadas. Um filete transparente de sangue nasce entre os caminhos da água e o resto do sabão grosso, esvai-se entre as dobras secas dessa virilha em seu ângulo mais aberto. Nos pedaços do azulejo sujo da parede, uma das pernas se apoia, ferindo, ainda mais, com essa abertura, o corpo, no passar agudo da navalha úmida. Fazer-se bela. Fazer-se mulher. Maria depila-se. Um banheiro fétido (2007, p.54).

A partir daí, há pouca ação na linearidade do tempo, nesse cenário, pois quase tudo o mais decorre de fios da memória de personagens e de inferências do narrador. Essa estaticidade é coerente com a condição da protagonista, a qual está privada da liberdade, proibida até mesmo do salutar “banho de sol”, por estar “jurada de morte”. Essa ameaça, a princípio, poderia ser uma sugestão de assédio [homo]sexual não correspondido, pois, numa condição de impossibilidade de acesso ao objeto sexual dito padrão, um homem, no caso, abordar outra mulher seria uma alternativa de satisfação da libido. Nesse sentido, Freud (2000, p.14-15) aponta três tipos de “invertidos”: a) os absolutos, aqueles cujo objeto sexual eleito é exclusivamente do mesmo sexo; b) os anfígenos, os quais podem tomar pessoas de ambos os sexos como o objeto sexual; e c) os ocasionais, que são levados, devido a determinadas restrições no tocante ao objeto do sexo oposto, a manter relação com sujeitos do mesmo sexo, como pode acontecer nos presídios, por exemplo.

Entretanto, essa suspeita é logo dissipada na sequência do texto: “Seu antigo homem possuía três mulheres aqui dentro” (LEITE, 2007, p.53-54). Nesse caso, embora não haja questões homoeróticas em pauta, a sexualidade está em jogo, pois se trata de uma rivalidade por causa do homem desejado. Como forma de evadir-se dessa dura realidade, Maria apega-se a seus santos: São Jorge, Joana D’arc e Maria Madalena... Desta última, ecoa uma voz que é um espelhamento para a própria protagonista: “Nome de puta” (LEITE, 2007, p.62).

Maria é vítima de todo tipo de discriminação: pobre [“Sempre soube que a mãe não sabia ler” (LEITE, 2007, p.55)], presidiária, tem sobre si, além da pecha de criminosa,

o peso da exclusão da loucura [“Dizem que Maria já está curada. Vai deixar o tratamento ambulatorial do terceiro andar. O doutor psiquiatra lhe deu alta. Os remédios suspensos” (LEITE, 2007, p.64)] – na assertiva de Foucault, a segregação do louco é um dos “grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso” (2002, p.19), o louco tem sua fala desconsiderada... indignância... morte do sujeito.

A trajetória de Maria é conduzida por Eros. Ela colabora com o seu “homem”: em uma vez, ela “na vagina aberta, entre os grandes lábios, submersa em suas entranhas, trouxe numa tarde, uma pequena serra de aço” (LEITE, 2007, p.54); e, na fatídica ocasião, “na mesma vagina aberta, sob o véu dos grandes lábios, portava uma muca de cocaína” (LEITE, 2007, p.54). Foi descoberta a “muca”, dentro da mula. Jamake Hightwater (1992) apresenta algumas configurações do corpo: como arma, como mercadoria, como máquina, por exemplo. Porém, o que se tem no caso de Maria é o corpo como repositório e meio de transporte para o ilícito.

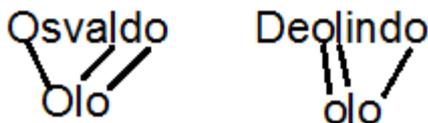
De todos os lances propostos no conto, obviamente, a relação carne/verbo é a que mais se acentua, tanto que já destacada no título: *A quatro mãos* evoca tanto uma parte do corpo quanto a prática da escrita. Trata-se da coligação de um casal, daí a possibilidade de se ler a narrativa como a busca do que Badinter considera a “complementaridade entre os sexos” (1986, p.293).

A busca por essa complementaridade se dá a partir da prática das cartas, numa inversão de tópicos encrustados na tradição: do adágio latino que diz *Verba volant, scripta manent* (algo como que as palavras ditas oralmente são levadas pelo vento, voam, ao passo que a escrita permanece), pois, no texto de Leite, a escrita é que voa [“Como aviões de papel, as folhas de caderno eram lançadas noite afora” (LEITE, 2007, p.56)]; e do preceito bíblico segundo o qual “O Verbo se fez Carne” (João 1:14) – no conto, é a carne que se faz verbo [“Letras de mulher, pedaços de corpos” (LEITE, 2007, p.61)] – de modo distinto, em dada passagem, o segundo amante, ao refletir acerca da escrita que deve elaborar para Maria, evoca “Um verbo que sabe que não é feito carne. É feito pedra” (LEITE, 2007, p.64).

A complementaridade é uma das tônicas da obra e só se concretiza quando uma das cartas alcança o citado segundo amante: 61 anos, nordestino, havia aprendido a ler e

escrever no ano anterior, ajudante de pedreiro, “Era trabalhador, isso uma certeza de sua história” (LEITE, 2007, p.58). Tal como Maria, o homem também estava à margem da sociedade, morador de uma invasão [expressão que em outras regiões seria equivalente à favela], batizada de Oceano [“Oceano. Um lugar à margem do outro” (LEITE, 2007, p.60)].

O nome do homem era Teotônio [“Força de deus, disse a professora” (LEITE, 2007, p.61)], mas ele insistia em se identificar como Deolindo, num jogo que não descarta a preponderância fálica de “deus” [e acentua o estético – *lindo*], porém aproximando mais o personagem da realidade vernacular de Maria [de *Teo* para *Deo* – do grego para o latim de que se originou o português, da linguodental surda /t/ para a sonora /d/ – ambas fálicas no movimento ascendente da língua]. Com a chegada de Deolindo, Maria não necessita mais do amor anterior: “O amante do seu passado, agora, podia ser esquecido. – Osvaldo” (LEITE, 2007, p.58). Maria não precisava mais desse falo, pois possui um novo, melhor, mais equilibrado, mais imponente [reforço da linguodental maiúscula em destaque – D]:



Talvez seja redundante explicar os esquemas feitos a partir dos nomes dos personagens, pois os testículos e o falo estão visivelmente destacados, sendo os de Deolindo [“o homem de Maria” (LEITE, 2007, p.64)] mais simétricos. A potência de Deolindo já está expressa na sua ação de se autoneamar. Na *Bíblia*, por exemplo, conforme Benetti, aos animais criados por Deus, “o homem dá nome como sinal de poder sobre eles” (1998, p.90). No caso, se atribuir um nome é a autoafirmação do personagem.

Sagrado e profano dizem respeito ao campo do erotismo, tanto que Bataille assegura que, em seu trabalho, “os elãs da religião cristã e os da vida erótica aparecem em sua unidade” (2004, p.13). No conto de Leite, esse “elã”, como visto anteriormente, aparece na dupla denominação do protagonista masculino [Teotônio/Deolindo], mas também na alternância entre os nomes Maria e Madalena [o primeiro está para a pureza; o segundo, para o oposto], que constituem o todo da figura feminina, como se ela

comportasse a dupla perspectiva apontada por Bataille (2004, p.10): um lado de “santa” e outro “voluptuoso”.

Além de agregar o aspecto sagrado, o erotismo também abarca uma faceta ligada à agressividade. Essa é a tônica de parte do trabalho de Freud (2002, p.45), que associa libido e crueldade. E, para Bataille, “Essencialmente, o campo do erotismo é o campo da violência, o campo da violação” (2004, p.27). No conto, isso aparece de forma mais brutal num caso citado, de outra presidiária, chamada Damiana, “a homicida que matou o marido a golpes de tesoura” – Eros e Tânatos, que aparecem de modo mais sutil nos sentimentos que o homem desperta em Maria: “Mas sempre homem nessas horas [de cio] era medo e fascínio” (LEITE, 2007, p.58). O desejo aparece metaforizado por uma imagem que remete à voracidade da libido: “a fome do corpo” (LEITE, 2007, p.58).

A informação que se sabe da carta de Maria é que essa mulher “procura homem carinhoso que saiba ler e escrever” (LEITE, 2007, p.62) e que não lhe quebre o nome: Maria Madalena da Consolação dos Dias. Ela quer esse homem para, por meio de cartas e da visita íntima no último sábado de cada mês, consolá-la da situação em que vive, numa aproximação entre a linguagem e o corpo, numa conjugação perfeita que explica melhor o título da obra: “Maria que sabe da leitura dos corpos. Uma leitura feita por eles [Maria e Deolindo], a quatro mãos” (LEITE, 2007, p.66), mãos que escrevem, mas que afagam...

E a narrativa, que começa nos preparativos para o encontro, termina [mesmo que numa cama de cimento] em momento apoteótico, extasiante: “Um respirar de corpos. Deolindo se escorre das entranhas de Maria. / O orgasmo gritado. Vencido no silêncio dessas horas” (LEITE, 2007, p.66). Essa é a lição maior do erotismo, conjugado ao prazer, longe da tradicional percepção de que a função única da sexualidade seria a procriação, tanto que antes são entregues à Maria “dois preservativos com espermicidas ativos” (LEITE, 2007, p.65).

Afora momentos de lances poéticos em *A quatro mãos* [como na carta escrita por Deolindo: “A cama é um pedaço de silêncio sob a luz branca, fluorescente, que agride o ácaro esquecido dos modulados desse nosso quarto” (LEITE, 2007, p.65)], há a denúncia da condição degradante da mulher encarcerada ou com marido/companheiro preso:

Deolindo é um dos poucos homens que não faltam.
Muitas mulheres se aprontam e os seus homens não vêm.
É o contrário no presídio masculino. Maria sabe. As mulheres vão. Vão ver seus homens. Nessa vinda de mulheres fazê-los homens. Escreverem-se mulheres. Tudo luta e vida. Ternura e vontade. As mulheres não faltam. Maria sabe (LEITE, 2007, p.65).

Em pleno século XXI, a estrutura patriarcal e machista perdura, e isso está relatado/delatado em várias passagens do texto de Leite, sobretudo no que diz respeito a como a mulher encarcerada é tratada, tanto pelo primeiro companheiro [Osvaldo, que a abandonou], quanto pela opinião alheia [“Quatro denúncias tinham sido feitas à direção da penitenciária” (LEITE, 2007, p.61) a respeito das “cartas esvoaçantes”, e “Algumas mulheres achavam uma vergonha esse buscar de amores, de história dos corpos, gostos e linguagem. Vergonha. Pecado. Lascívia pura” (LEITE, 2007, p.61)].

Esses foram alguns fios que puxei deste tecido textual [pleonasma, reconhecimento, proposital] elaborado por Daniel da Rocha Leite. Há muitos outros. Jogar com as palavras é meu ofício, jogar tal como o pensa Barthes, sempre em busca de significações, portanto, não como uma mera distração, “mas como um trabalho – do qual, entretanto, se houvesse evaporado qualquer padecimento” (2004, p.29). Em outros termos, essa maneira de abordar o texto consiste em caçar os dados surpreendentes, de acordo com o que sugere Compagnon, para quem o modelo de leitor “é o caçador” (2010, p.45), que se compraz na caçada, não propriamente na captura.

Portanto, a tônica desse tipo de trabalho é o prazer, e um dos momentos mais significativos para mim é o do encontro com o detalhe aparentemente insignificante, que, porém, guarda um tesouro de sentidos, tal como se pode observar em algumas passagens deste estudo.

Num último lance, gostaria de, no meu breve julgamento [o prenome Daniel tem a ver com essa noção de julgar], destacar a qualidade da escritura do autor e dizer que escrever sobre sua obra não foi tirar Leite de Pedra/Rocha – trocadilho canastrão, mas apropriado para a impressão que o conto *A quatro mãos* me deixou...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro**. 3.ed. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.26-29 (Coleção Roland Barthes)

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BENETTI, Santos. **Sexualidade e Erotismo na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1998. (Coleção Estudos Bíblicos)

BÍBLIA SAGRADA. 129.ed. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. 2.ed. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 8.ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

HIGHWATER, Jamake. **Mito e Sexualidade**. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo: Saraiva, 1992.

LEITE. Daniel da Rocha. **Invisibilidades**. Belém: IAP, 2007. (Prêmio IAP de Literatura – Conto)

SOBRE O AUTOR:

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2001). Especialista em Literatura e Suas Interfaces, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2004). Mestre em Estudos Literários (UFPA, 2006). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras / Estudos Literários (UFPA). Professor de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Ensino. Como ensaísta, recebeu quatro vezes o Prêmio Carlos Nascimento, no Concurso Literário Anual da Academia Paraense de Letras – APL (2000, 2004, 2008 e 2015), e o Prêmio IAP de Edições Culturais/2008. Membro do Grupo de Pesquisa “Literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia”, do CNPQ. Autor de livros sobre Literatura e Cultura Amazônica.